

RUA PADRE BENTO DIAS PACHECO

Lei nº 1272 de 12-03-1955

Lei nº 1802 de 20-09-1957

Formada pela rua 8 da Vila Cura D'Ars

Início na rua Beato Marcelino Champagnat

Término na rua Macaraí

Vila Cura D'Ars

Obs.: A lei nº 1272/55 foi promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Antonio Mendonça de Barros e a de nº 1802/57 foi promulgada pelo Prefeito Ruy Hellmeister Novaes. A lei 1802/57 revogou a lei 1432 de 23-12-1955 e revigorou a lei nº 1272/55.

PADRE BENTO DIAS PACHECO

Bento Dias Pacheco nasceu no Sítio da Ponte, à margem do rio Tietê, no município de Itú, em 17-setembro-1819 e faleceu no domingo, 06-março-1911. Era filho de Ignácio Dias Ferraz e Anna Antonia de Camargo e foi batizado na Matriz de Itú, a 01-outubro-1819. Passou ele, sua primeira infância em companhia de seus pais no sítio de seu avô paterno. Após o falecimento do avô, passaram a residir na Vila de Itú, iniciando Bento seus estudos com o padre-mestre Luiz Mendes da Silva, para depois frequentar as aulas de gramática e latim dos padres Feliz do Amaral Gurgel e João Paulo Xavier. Mais tarde foi internado no Convento Franciscano. Morrendo seu pai, deixa o Convento para viver com sua mãe no Sítio Quilombo. Resolvido a dedicar-se ao clero, segue para São Paulo onde faz seus estudos eclesiásticos e, concluídos estes, recebe sua ordenação sacerdotal em 28-outubro-1843. Depois de ordenado exerce, por alguns meses, os paróquias de Cabreúva e Indaiatuba, passando a residir depois no Sítio Quilombo, em companhia de sua mãe. Na capela existente aí, passou a celebrar e dar instruções religiosas aos escravos de seu Sítio como para os da redondeza. Em 1869, resolveu fazer vida santa, vendendo o Sítio, dando liberdade aos escravos e transferindo sua residência para Itú. Distribuiu parte da fortuna que lhe cabe entre associações pias e de caridade e adquire uma chácara fronteira ao Hospital dos Lázaros, fundado pelo Padre Antonio Pacheco da Silva, passando a residir nessa chácara e exercer o cargo de capelão desse hospital, iniciando assim, seu apostolado entre os leprosos. 42 anos passou o padre Bento nesse hospital, com dedicação, caridade, amor e bondade aos doentes, santificando-se nesse mistério.

**LEI N.º 1802, DE 20 DE SETEMBRO DE 1957**

Revoga a Lei n.º 1432, de 23 de dezembro de 1955 e dá outras providências

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica revogada, em seu inteiro teor, a Lei n.º 1432, de 23 de dezembro de 1955, que deu o nome de "Euclides Pereira de Andrade" (Epandro), a uma rua da cidade.

Artigo 2.º — Fica denominada "Euclides Pereira de Andrade" (Epandro), a rua 3 da Vila "Joaquim Inácio", a qual, tendo início na rua 1, termina na avenida 1 da mesma vila.

Artigo 3.º — Fica revigorada pela presente, a Lei n.º 1272, de 12 de março de 1955, que deu o nome de "Padre Bento Dias Pacheco", a uma rua da cidade.

Artigo 4.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 20 de setembro de 1957.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal

Eng. Paulo Silva Pinheiro
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 20 de setembro de 1957.

O Diretor
Alvaro Ferreira da Costa

7.0.50
Diário
do
1000



B.
D.
Prof.
Campinas
Campinas

BENTO DIAS PACHECO, PADRE — rua

Corre paralela à rua Abolição, à direita de quem está parando para a instalação de Tratamento. Fica ao lado do muro do Seminário Diocesano, na Vila CURA D'ARS. A denominação foi dada pela Lei n. 1.272, de 12 de março de 1955. Tem 4 metros de largura.

Dados Biográficos: O virtuoso sacerdote Padre Bento Dias Pacheco nasceu no povoado da Ponte, no Município de Itu, neste Estado, aos 17 de setembro de 1819, e faleceu em 6 de março de 1891. Era filho de Inácio Dias Ferraz e de dona Ana Antonio de Jairo — nos documentos de processo de ordenação, existentes na cidade de São Paulo, o nome de sua mãe é Ana Antonia do Amaral e do pai — abastados agricultores e senhores de engenhos.

Desde criança manifestou tendência para a vida sacerdotal. Feitos os primeiros estudos em sua cidade natal, foi considerado habilitado para as Ordens Menores e Sacras, em 4 de outubro de 1843.

Ordenado, voltou para sua cidade natal, nela permanecendo por alguns anos. Depois foi vigário de Cabreúva. Com o falecimento de seus pais, mudou-se para Indaiatuba, onde se estabeleceu em curia de propriedade agrícola, a qual administrou. A seguir, foi nomeado vigário da vila.

Penalizado com a desgraça dos leprosos que perambulavam pelas estradas numa vida de verdadeiro martírio, vende todos os haveres herdados e aplica o dinheiro no hospital da cidade de Itu, fundado por um seu tio em 1806. Assim a partir de 1866 o seu hospital se torna um centro de amparo a todos os malfeitores. É aí que Padre Bento, o seu maior desejo.

Com o correr dos anos, já cego, lamentava não mais poder servir de maneira eficiente aqueles desgraçados, e, antevendo o fim, pediu aos internados do hospital que não comunicassem o seu passamento. Desejava apenas que o enteriassem envolto em um lençol escuro, no cemitério do próprio hospital. Esta sua vontade não foi satisfeita e teve de fato o seu corpo sepultado no cemitério do hospital, porém, em caixão, com missa e todas as cerimônias a que fazia jus, pelo bem que praticara em vida.

AMG



DOMINGO — 24 DE SETEMBRO DE 1978

A vida edificante do Padre Bento

A cidade de Itu retorna ao culto de suas tradições: no último domingo, 17 de setembro, data natalícia do padre Bento Dias Pacheco, encerrou a realização da nona semana dedicada todos os anos à memória do santo sacerdote que passou à história como um dos mais veneráveis apóstolos da verdadeira caridade cristã. O programa constou não apenas de palestras e conferências, mas também de um concurso escolar sobre o assunto, assim como de uma visita a Pirapitingui, onde foi inaugurado o busto de padre Bento, realizando-se um espetáculo em que se exibiram artistas do nosocômio local. Os 159 anos que ele faria nesse dia foram comemorados com missa campal na praça Padre Bento, seguindo-se visita a seu túmulo.

Todo esse programa demonstrou mais uma vez que a sociedade ituanana não precisa desviar-se de seu rumo histórico para se tornar respeitada no Estado. Em seu passado, há virtuosos e fatos que merecem constante evocação — e não apenas no campo da filantropia e da religiosidade, mas também na esfera política e social. Basta lembrar os feitos republicanos que culminaram na pioneira Convenção, assim como a ação destemerosa de Feijó, Paula Souza, Adolfo Augusto Pinto e outros homens públicos de escol.

Onde cabe lembrar que por mais de meio século Padre Bento cuidou desveladamente dos doentes do mal de Hansen, sendo-lhes "o ca-

pelão, o confessor, o conforto, a consolação, o anjo tutelar", expressões estas de ilustre médico que visitou o hospital a que se recolhiam esses enfermos, à época relegada à segregação total. Continua dizendo que, em sua vida, jamais sentiu "o espírito tão edificado, como na presença desse homem humilde, admirável. A ele comparados são inferiores os maiores da terra". O dedicado cultor das tradições ituananas, o nosso saudoso colaborador Francisco Nardj Filho, cujo centenário se aproxima, resenhou em livro esses feitos heróicos, entre outros autores.

Aos 92 anos de idade, no dia 6 de março de 1911, faleceu Padre Bento em sua chácara. Vivera a serviço da Igreja cerca de setenta anos e quase cinquenta a serviço dos doentes, a cujo lado quis que repousassem seus despojos, no cemitério do próprio hospital a que dedicara todas as suas forças. A população da cidade vota-lhe à memória verdadeiro culto, que o aproxima da beatificação.

Dentre as comemorações deste ano, nenhuma, porém, se aventajou ao concurso sobre a vida e a obra do Padre Bento Dias Pacheco, que se efetuou nas escolas de 1º e 2º graus da região. Se mais não tivesse feito, a comissão a que incumbe da rememoração do nome do padre Bento teria feito muito, com o incutir na mentalidade das novas gerações o exemplo admirável dessa vida dignificante.

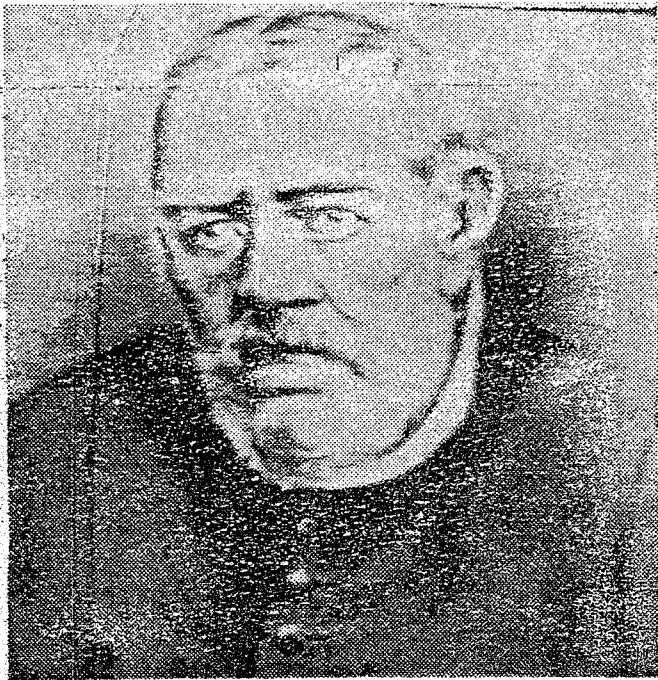


Itu homenageia o Padre Bento

Para provar toda a estima que a população ituana tem pelo Padre Bento Dias Pacheco, um dos sacerdotes que ao lado da Madre Maria Teodora figuram como os grandes influenciadores da vida religiosa de Itu, foi criada pela Lei municipal 1222/70, pelo então presidente do Legislativo, hoje prefeito Municipal de Itu, Lázaro José Piuntli, a semana Padre Bento, que visa levar além "fronteiras

a mensagem essencialmente apostolar do amigo dos han-senianos", segundo explica o próprio chefe do executivo municipal.

Esta semana vem se realizando desde este ano, quando de sua realização alcança grande êxito, pois a vida de Padre Bento foi pontilhada de esforços para com os outros, principalmente para com os doentes.



O Padre Bento

"Integrou-se, após, ainda em 1864 no conhecido leprosário dos lazarus — conta o prefeito — existente em Itu, onde se abrigavam centenas de morféticos, os desvalidos da sorte e posteriormente por uma sociedade injusta e cruel".

"No momento em que o mundo dava as costas — continua prefeito Lázaro — aos enfermos, tarraços humanos e sofredores, Padre Bento, num gesto impar de amor ao próximo, dava ele as costas ao mundo, para ir ser, durante mais de 40 anos ininterruptamente, o amigo, médico, o cozinheiro, o confessor, o santo daqueles homens desesperançados da própria existência" — finaliza.

BIOGRAFIA

Nasceu o padre Bento Dias Pacheco no dia 17 de setembro de 1819, no sítio da Ponte, de propriedade de seus avós, tendo sido batizado na Matriz de Itu, sua terra natal a 1.º de outubro desse mesmo ano. Seus pais eram Ignácio Dias Ferraz e d. Anna Antonia de Camargo, com os avós paternos: capitão Bento Dias Pacheco e Isabel de Arruda

Campos e avós maternos o sr. José de Amaral Gurgel e dona Getrudes de Camargo Penteado.

Passou ele, a sua primeira infância em companhia de seus pais no sítio de seu avô paterno. Após o falecimento do avô, passaram a residir na vila de Itu, então muito pequena, e aí iniciou o pequeno Bento os seus estudos das primeiras letras do alfabetário, com o padre-mestre Luiz Mendes da Silva, passando depois a frequentar as aulas de gramática e latim dos Padres mestres Feliz do Amaral Gurgel e João Paulo Xavier. Depois, tendo seu pai adquirido um sítio e passando a residir no mesmo, ficou o jovem Bento internado no Convento Franciscano, cujas aulas assistia com um interesse impressionante.

MORRE O PAI

Tendo em 1834 falecido seu pai, sua veneranda mãe quis tê-lo junto de si, deixando-o no Convento Franciscano e passando a residir com sua mãe no sítio Quilombo, onde sentira-se verdadeiramente chamado por Deus para a vida sacerdotal.

Resolvido a atender esse chamado segue para São Paulo onde fez os seus estudos eclesiásticos e, concluídos estes, recebe a sua ordenação sacerdotal no dia 28 de outubro de 1843.

Depois de ordenado exerce, por alguns meses, os paróquias de Cabreúva e Inãiatuba, vizinhos de Itu, passando depois a residir no sítio Quilombo, em companhia de sua mãe.

MISSA PARA ESCRAVOS

Aí, no seu sítio, em uma capela existente, passa a cele-

brar e dar instruções religiosas aos escravos, tanto para os de seu sítio como para os da redondeza, dando-lhes consolo à alma.

Em 1869, sentindo-se avançado em anos, resolveu fazer vida santa, vendendo o sítio, dando liberdade aos escravos e transferindo sua residência para Itu. Distribuiu também a parte da fortuna que lhe cabe, entre associações piás e de caridade e adquire uma chácara fronteiriça ao Hospital dos Lazarus fundado pelo Padre Antonio Pacheco da Silva, passando a residir nessa chácara e exercer cargo de capelão desse hospital, iniciando aí então o seu santo apostolado entre pobres leprosos, mostrando-se nesse apostolado digno continuador do Padre Antonio Pacheco e Silva na dedicação, caridade, amor e bondade para com os pobres doentes. Quarenta e dois anos passou o padre Bento nesse hospital santificando-se na prática sublime da caridade. Durante quarenta e dois anos viveu o padre Bento Dias Pacheco entre os pobres doentes, dos quais foi o verdadeiro protetor o médico dedicado que lhes mitigava as dores das chagas do corpo e lhes curava as feridas da alma.

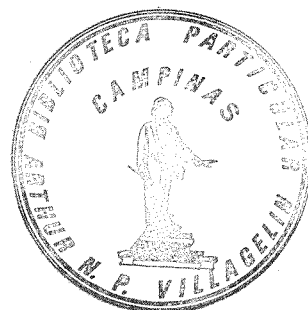
VIDA SANTA

"Vida Santa, santa, perfeita e sublime foi a do padre Bento. Sublime pelo seu heroísmo em cuidar dos pobres doentes, perfeita como a do sacerdote exemplar, santa pela sua caridade" é o que dizem os moradores ligados à vida religiosa e que tiveram oportunidade de estar mais ligados à vida desse padre que tanto marcou a vida religiosa da cidade.

MORRE

Dentre os beneméritos ituanos o seu nome fulge ao lado daqueles que tanto se distinguiram pela sua caridade.

Após uma vida admirável, entrega o padre Bento a sua bela e santa alma ao Criador, no dia 6 de março de 1911, quando a cidade chorava a perda do grande protetor dos leprosos.



Domingo, 8 de fevereiro de 1976

Padre Bento

PROF. CARLOS DA SILVA LACAZ

Acabo de receber do dr. Antonio de Arruda Campos excelente biografia do Padre Bento Dias Pacheco (1819-1911), publicada pela Editora Pannartz (São Paulo, 1976). Padre Bento, como era conhecido, vivera mais para o próximo do que para o mundo. Ituano dos mais ilustres, morreu como um santo, dando assistência aos pobres hansenianos em uma obra verdadeiramente cristã, merecendo comovida reverência dos corações bem formados. Homem rico, possuidor de uma grande propriedade agrícola, o sítio do Quilombo, aos cinquenta anos de idade resolveu abandonar a vida de pároco que até aí levava para dedicar-se aos lázaros. Vendeu então, a propriedade, libertou os seus escravos, distribuiu parte da sua fortuna entre associações piás e de caridade, adquirindo uma chácara fronteira ao Hospital dos Lázaros, fundado pelo Padre Antonio Pacheco da Silva, passando a exercer o cargo de capelão do Hospital. Quarenta e dois anos viveu Padre Bento entre os pobres doentes, atendendo-os em suas misérias físicas e em seus desalentos morais. Sua vida inteira fora um retiro, na justa apreciação de um outro ituano ilustre, meu saudoso e querido mestre Prof. Antonio de Almeida Prado. Padre Bento nasceu a 17 de setembro de 1817, no sítio da Ponte, à margem do rio Tietê, Município de Itu. Atraído para a vida sacerdotal, teve como padrinho de crisma seu tio, o Padre Francisco Pacheco de Campos. Dedicando-se à assistência aos lázaros, raramente ia à cidade. Para o maior dos infortúnios, a maior das dedicações. Visitava diariamente os doentes, celebrava a santa missa, dava assistência aos enfermos, sendo chamado por muitos de o "Apóstolo da caridade". Foi Deus que aqui me trouxe, dizia Padre Bento, e Ele é que me dá força e coragem para tratá-los. Todo aquele que sofre tem o merecimento de Cristo e com a morte virá a ressurreição de uma nova vida, para a eternidade feliz. Vivia Padre Bento em uma cama de catre (couro trançado como estrado). No fim de sua vida torna-se cego, vítima de catarata mas não abandona sua missão. As 15 horas do dia 6 de março de 1911, em um domingo, falece o maior dos ituanos, enterrado conforme seu desejo, em cova rasa, sem caixa de pedreiro, no cemitério dos lázaros, ao lado da Capela, com o Senhor do Horto das Oliveiras. Segundo Arruda Dantas, o que impressiona na vida de Padre Bento, o sentido maior de sua ação foi o amor e a dedicação oferecida aos lázaros, como o guia dessa comunidade, seu líder e chefe. Na época em que viveu, os pobres doentes eram marginalizados, vivendo os tristes dramas da segregação.

Está no Vaticano o processo de sua beatificação. Eis, em largos traços, a biografia de um ituano ilustre, de uma grandeza de alma verdadeiramente impar e a quem a própria hanseníase não se atreveu a tocar.

Itu, a fidelíssima, chamado por Pedro I, hoje próspera e ativa, converte-se em um grande antro de atração turística. O povo ituano soube, porém honrar a grandeza de seu velho pároco e o governo do Estado deu o nome de Padre Bento a um dos sanatórios integrantes do antigo Departamento de Profilaxia da Lepra, situado em Gopoúva, no município de Guarulhos. Bem haja o Dr. Arruda Dantas por publicar a biografia de Padre Bento, enaltecendo a figura singular de um grande homem que dignificou a espécie humana, oferecendo-nos os mais belos exemplos de humildade e de desapego às grandezas terrenas.